

O acompanhamento das aprendizagens dos estudantes e os bons usos da avaliação: a necessidade de documentar o percurso com instrumentos adequados

Artigo produzido no contexto do Programa Avaliação e Aprendizagem,
desenvolvido em municípios do Maranhão e Minas Gerais entre os anos de 2013 e 2016
na parceria da Comunidade Educativa CEDAC com a Fundação Itaú Social.

Simone Azevedo

Coordenadora Pedagógica da Comunidade Educativa CEDAC

Introdução

“*Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não*”. Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, nos apresenta Riobaldo, um personagem com uma narrativa que é tão descontínua e lacunar quanto a memória humana. Considerando que a memória é seletiva, justificam-se as interpolações, as digressões e antecipações da narrativa feita por Riobaldo, que muitas vezes a interrompe para fazer reflexões metafísicas e existenciais. Contudo, ele é consciente dos frequentes desvios na sequência dos acontecimentos que faz em sua narrativa e é por isso que nos adverte como fez nesse trecho: *contar é muito, muito difícil*.

Se tivermos que recorrer somente à memória para resgatar acontecimentos e fatos importantes, sempre vamos concordar com Riobaldo. É difícil, sim. Diante do imenso volume de informações às quais somos expostos todos os dias e em diferentes contextos, cada um de nós, em suas experiências pessoais, pode identificar o tanto delas que “se perdem” por aí. O que conseguimos guardar? O que necessita de registro para que não se perca? Os álbuns com fotos de família, as cartas e mensagens um dia trocadas, os vídeos que guardam momentos. Que lugares eles têm em nossas vidas e para que servem? Dentre as muitas respostas pessoais possíveis, apontaremos uma: para preservar a memória de nossa passagem pela vida.

E na escola? Como registramos a memória da passagem dos estudantes em seus processos de formação? Como avaliamos e como acompanhamos as aprendizagens dos estudantes ao longo de sua vida escolar? Essas três questões serão guias para as reflexões propostas neste texto, que tem o objetivo de articular os processos de ensino e aprendizagem e o currículo escolar; a concepção de avaliação e o que significa acompanhar as aprendizagens dos estudantes; e o papel fundamental dos instrumentos de coleta de dados para acompanhar e avaliar as aprendizagens dos estudantes.

Os processos de ensino e de aprendizagem e a concepção de avaliação

Consideramos importante retomar a distinção entre os processos de ensino e de aprendizagem. Ensinar e aprender são caminhos que seguem se retroalimentando, mas que não são lineares – não são um só. A velha ideia de que se algo foi ensinado pelo professor, por consequência, o estudante aprendeu, já não cabe mais.

Somente quando se considera que o ensino e a aprendizagem são duas faces de um mesmo processo é que apenas duas alternativas se configuram: o estudante aprendeu ou não aprendeu. Mas, quando se tem claro que os processos são distintos e que, portanto, deve haver um empenho grande para que o diálogo entre esses processos aconteça, temos então uma escola capaz de atender as demandas de todos os estudantes e da diversidade que há entre eles.

Nesse contexto, entende-se que o percurso de aprendizagem do estudante é fruto de uma construção que é resultado da ação do aprendiz. É ao processo de ensino que cabe assegurar as condições para que todos os estudantes aprendam com qualidade. Organiza-se o processo de ensino considerando um fator primordial: **o que se espera que os estudantes aprendam.**

Que cidadão queremos ver formado ao final da escolaridade? Essa é uma questão que deve permear todos os planejamentos e decisões ocorridas ao longo do percurso de cada estudante na escola. A escola, atenta à formação de cidadãos atuantes, faz a gestão do ensino de maneira a favorecer que os estudantes construam a sua formação cidadã vivenciando processos de aprendizagem a cada ano escolar. Então, ter a clareza da importância de um currículo bem articulado para cada ano, entre cada ano e, também, entre os segmentos é o primeiro passo para que todo o percurso do estudante possa ser acompanhando e avaliado com o devido rigor.

Mas que rigor é esse? Diferentemente das nossas experiências em avaliação, que, na maioria das vezes, são marcadas por uma concepção que classifica as aprendizagens em certas ou erradas e, dessa maneira, acaba por separar aqueles estudantes que aprenderam os “conteúdos programados” para determinado ano escolar daqueles que não os aprenderam, defendemos uma avaliação que não seja excludente, que seja menos classificatória e seletiva. O rigor, assim, marca a busca por uma perspectiva de avaliação pautada pela lógica da inclusão, do diálogo, da construção da autonomia, da mediação, da participação, da construção da responsabilidade com o coletivo. E essa concepção alinha-se com a proposta de uma escola mais democrática, inclusiva, que considera as diversas possibilidades de aprendizagens pelos estudantes: é uma escola que organiza a sua gestão para a qualidade das aprendizagens de todos. Portanto, ela planeja o acompanhamento dos estudantes frequentemente, ela avalia sempre para, assim, poder dar continuidade ao seu planejamento de ensino ou, se necessário, modificá-lo em favor das necessidades de cada grupo de estudantes. Essa concepção de avaliação parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de aprender e que o dever máximo da escola é o de ensinar.

O educador Cipriano Carlos Luckesi (2014) faz uma analogia entre “dar aula” e “ensinar”, comparando os dois atos com as condutas do semeador e do jardineiro. Segundo o autor, ‘dar aula’ assemelha-se à conduta do *semeador*, como descrita nos evangelhos, que saiu a semear e cujas sementes caíram em diversos tipos de terreno. Algumas germinaram e morreram, outras

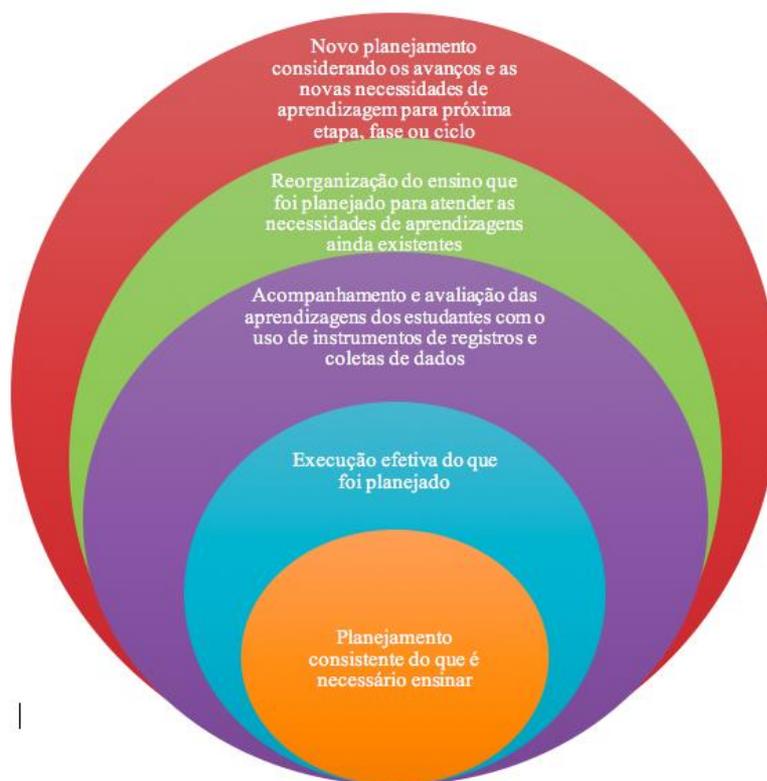
nem germinaram, somente algumas cresceram e deram frutos. Já ‘ensinar’ é diferente, tem muita intencionalidade e assemelha-se à conduta do *jardineiro* que prepara o terreno, semeia suas sementes e cuida de todas para que germinem, cresçam e produzam frutos. Para aquelas que apresentarem mais dificuldades nesse crescimento, deve ser dada mais atenção, pois mais cuidados elas merecem ter.

Ainda em consonância com o que defende Luckesi, enfatizamos que ensinar é cuidar para que os estudantes efetivamente aprendam o que necessitam aprender e adquiram a capacidade de expressar seu desempenho com qualidade plena. Os educadores têm interesse neles e em suas aprendizagens. A escola e toda a rede de ensino trabalham de forma sistêmica, cada ator em seu papel, para que essas aprendizagens se efetivem.

Assim, o rigor que defendemos consiste em articular mecanismos para acompanhar e avaliar os estudantes ao longo do processo. A esse tipo de avaliação é dado o nome de **avaliação formativa**, que carrega o propósito de reorganizar o processo sempre que for necessário. Ela se difere da **avaliação somativa**, que privilegia os resultados finais. Uma não exclui a outra – a avaliação somativa pode estar contida na avaliação formativa, desde que as intencionalidades estejam muito claras.

Para se acompanhar o processo é imprescindível que sejam criados **instrumentos de registros** para a coleta de dados para a avaliação. Como nos alerta Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, *contar é muito dificultoso* e não podemos prescindir da necessidade de registrar a vida escolar dos estudantes. Sim, com exatidão. Os instrumentos de registros de acompanhamento são necessários a todos os atores envolvidos no processo: professores, coordenadores pedagógicos, diretores e gestores educacionais das secretarias de educação (de diferentes instâncias, inclusive). E esses instrumentos devem vir carregados de muita intencionalidade para que cumpram o seu papel e não “burocratizem” o processo, levando ao afastamento de quem os utiliza pela falta de sentido.

Para que a aprendizagem dos estudantes aconteça, é necessário que um ciclo intencional e contínuo de ações de cada ator, cada qual em sua instância, se realize – como uma pedra que faz ondas ao ser lançada nas águas do rio – uma ação desencadeia outra e todas elas circundam e cercam o que há no centro: o processo de aprendizagem com qualidade dos nossos estudantes.



Os instrumentos de acompanhamento das aprendizagens dos estudantes

Como apontamos, a avaliação precisa ter como foco fornecer informações acerca das aprendizagens dos estudantes e, portanto, não pode ser realizada apenas ao final do processo, sob pena de perder seu propósito. A avaliação formativa é potente porque orienta os estudantes para a realização de seus trabalhos e de suas aprendizagens e colabora para a correção de rota nesse percurso sempre que é necessário. Nessa concepção de avaliação, considera-se a necessidade de construção da autonomia por parte de cada estudante, pois espera-se que eles tenham um papel ativo em seus processos de aprendizagem.

Também é bem clara a noção de que as formas de aprender diferem, assim como os tempos de aprendizagem. Portanto, não faz sentido idealizar que todos os estudantes caminhem igualmente nesse processo, pois é certo que ele é único para cada um. É singular, inevitavelmente. Contudo, há que se ter igualdade, pois todos têm o direito de aprender o que é necessário. Cabe ao ensino tratar da igualdade de condições que devem ser oferecidas para que todos aprendam. Não é igualdade nos processos de aprendizagem, mas, sim, nas condições para que cada estudante tenha sucesso.

Nesse contexto, a avaliação formativa toma como referenciais os objetivos e os critérios de avaliação bem fundamentados (sempre na relação com o currículo e as expectativas de aprendizagem) e, impreterivelmente, leva em consideração o próprio estudante e seus conhecimentos construídos em cada etapa.

Conceber e instituir nas escolas uma prática avaliativa ao longo do processo requer a organização e elaboração de instrumentos que deem conta de informar e documentar, paulatinamente, como acontece a progressão das aprendizagens de todos os estudantes. Ou seja, uma prática avaliativa ao longo do processo é caracterizada pelo acompanhamento que se faz das aprendizagens de todos os estudantes. Chamamos de “acompanhamento das aprendizagens dos estudantes” o processo – intencional – que os profissionais da educação (da escola e da secretaria de educação) realizam para identificar, registrar e analisar as aprendizagens a fim de reorientar o ensino, de maneira a distinguir os processos individuais e coletivos, bem como os fatores que incidem sobre eles.

O papel de cada ator no acompanhamento das aprendizagens dos estudantes

O professor, ao assumir a perspectiva da avaliação formativa como prática educativa, acompanha as aprendizagens dos estudantes no dia a dia e não se preocupa apenas com a atribuição de notas – que a depender do tipo de sistema da rede pode ser necessária ao final do processo. Ele observa e registra os percursos de cada estudante durante as aulas, com o objetivo de analisar os avanços de cada um em relação a si mesmo e, também, do grupo. É dessa maneira que ele pode planejar as intervenções necessárias para auxiliar os estudantes durante todo o processo. A criação de diferentes instrumentos de registros e coleta de dados é fundamental para que isso aconteça.

Os **gestores da escola** têm papel relevante e indispensável no acompanhamento das aprendizagens dos estudantes. O **coordenador pedagógico** orienta o acompanhamento das aprendizagens dos estudantes feito pelo professor por meio de ações intencionais que auxiliem o processo: análise dos registros do professor e consolidação dos resultados em documentos próprios (instrumentos consolidados), participação em planejamento, observação de sala de aula, realização de reuniões de formação a partir das necessidades formativas dos professores, bem como das necessidades dos estudantes verificadas nos resultados do acompanhamento, reuniões de conselho de classe, entre outras. É a partir desse conjunto de ações formativas que se avalia a necessidade da tomada de decisões institucionais pedagógicas gerais: a criação de grupos de apoio para os estudantes com mais dificuldades no período, a formalização de recuperação paralela ou ao final de um bimestre para o ajuste de notas, a criação de projetos de leitura ou oficinas de

matemática, entre outras. O **diretor** participa e apoia todas as ações, assegurando e organizando – intencionalmente – horários, espaços, materiais e todas as condições necessárias para a realização do acompanhamento das aprendizagens pelo coordenador pedagógico e pelo professor, além de outros membros da equipe da escola. É ele que toma a frente da análise de todos os resultados – utilizando instrumentos de registro e coleta de dados macro consolidados – e, em parceria com o coordenador pedagógico, gerencia as decisões institucionais pedagógicas gerais já mencionadas. Ele é o responsável, também em parceria com o coordenador pedagógico, por discutir e alinhar as práticas de avaliação com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola – que, apesar de sólido, deve estar sempre em reconstrução.

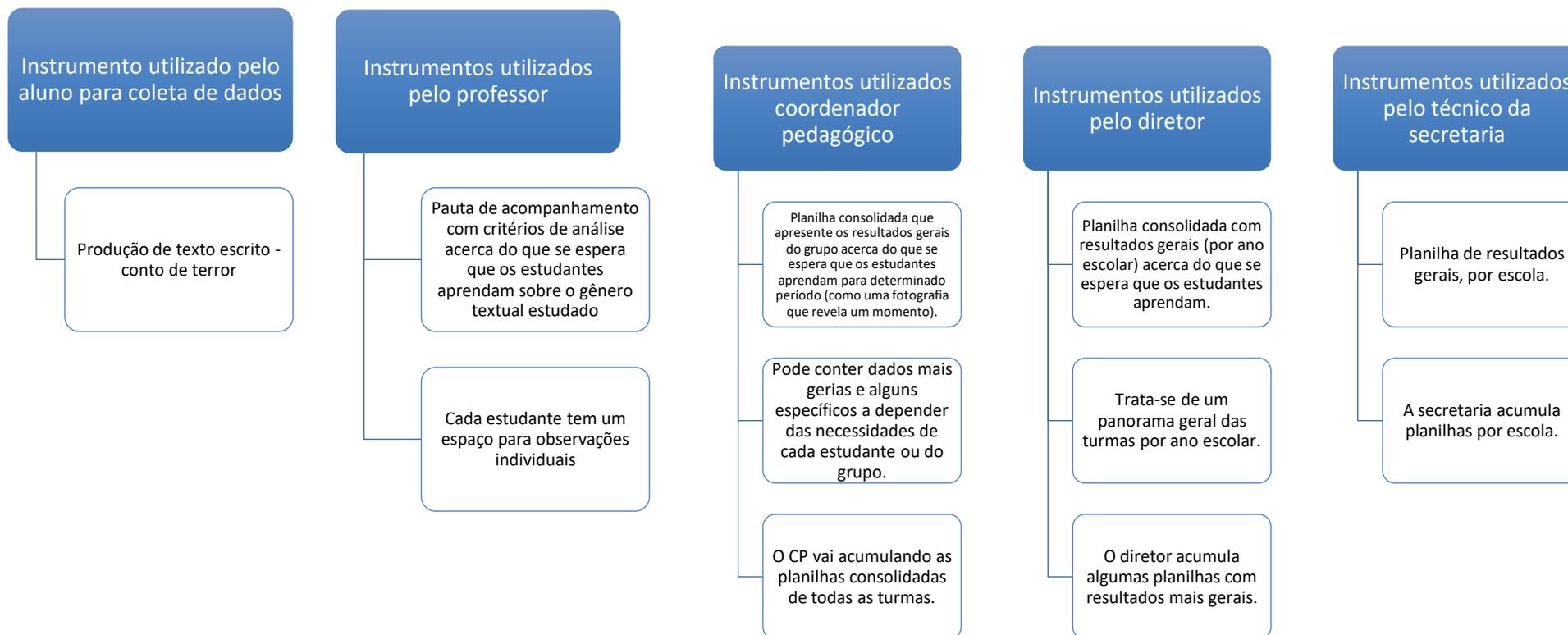
Estudo de caso – 5º ano do Ensino Fundamental

Mas como podem ser tais instrumentos de acompanhamento, considerando cada uma das instâncias?

Analisemos um caso completo de acompanhamento tendo como referência a produção de textos escritos de estudantes de 5º ano, cujo currículo bem articulado entre os anos escolares e segmentos define que, nesta série, os estudantes produzirão contos de terror autorais. Um gênero que já foi amplamente estudado nos anos anteriores e também no 5º ano (com muita leitura feita pelo professor e pelos estudantes, além de produções escritas e orais que não eram de autoria própria).

Nas reuniões de formação deste semestre, o foco de estudos tem sido os gêneros textuais (em consonância com algumas reuniões gerais realizadas pela equipe de técnicos da Secretaria de Educação) e, por esse motivo, há um “combinado” de que a diretora da escola acompanhe os resultados um pouco mais de perto. Todos acreditam que as análises das produções dos estudantes são as melhores fontes para as tomadas de decisões.

O esquema que segue ilustra quais são os instrumentos de que cada ator se utiliza no contexto deste *case*:



Pauta de acompanhamento da produção escrita: professor (fragmento)

Nomes	Personagem	Características	Foco narrativo		Estrutura	Desenvolvimento	Coerência	Verbos de elocução	Pontuação	Ortografia	Conceito a ser dado no final do processo
			Manteve a voz	Caracterização							
Ana	Lobo	Bom	Sim	Lobo é bom, e o caracteriza bem, mas para fazer isso muda a história e não fica muito de terror.	ok	Ok, podia desenvolver mais a introdução	ok	ok	ok	Boa, poucos erros	
Carlos	Príncipe que era menos querido pelo pai	Medroso e depois malvado	Sim	Confusa, ele se transforma: é medroso, tem medo de morcegos, mas ganha morcegos e perde o medo... não fica claro que é malvado.	ok	A introdução está estranha (morcegos/medo). Resolução muito sucinta	+ - a parte do morcego está estranha	Não há muito diálogo, apenas um verbo	Boa, mas há períodos longos com muitas vírgulas	Ótima	
Cintia	Bruxa do leste	Gosta de comer meninos pequenos	3ª pessoa/ não fala a partir de um ponto de vista	Está falha: não justifica o porquê prefere comer meninos e nem como faz isso	Ruim - qual o conflito? Comemos meninos? Os meninos se salvarem? Não fala de um ponto de vista.	ruim	não	Não há diálogo	M - há períodos muito longos	Boa, poucos erros	
Laura	Fada má	Boazinha que se transforma em má com o tempo	sim	Boa caracterização através de inferências	Boa - resolução não foi feita	Falta desenvolver o conflito	ok	ok	ok	Ótima	
Lucas	Anão rejeita-dos pelos amigos	Tímido, mal, mais pequeno que o comum	sim	Sim	+ - final sem resolução. Para no meio.	ok	+ - final	não	Ruim, pensar nas vírgulas e parágrafos.	Muito boa.	

Quais são os dados desse instrumento? O que se pode mensurar com ele?

Trata-se de um instrumento muito focalizado na produção textual, do gênero contos de terror, que é o gênero de estudo desse período para os 5º anos. É um instrumento que acompanha o professor durante todo o processo de produção dos estudantes.

ETAPA 1: Produção da primeira versão – o professor faz as anotações nas produções dos estudantes a partir dos critérios estabelecidos nessa pauta de observação e devolve o texto com indicações e apontamentos para que a revisão seja feita. ESTA PAUTA DOCUMENTA ESSA FASE (observe que há espaço para anotações em três datas diferentes) e nela são registrados – de forma até mesmo pessoal – quais pontos de atenção e quais conteúdos cada estudante ainda não dominou. Além de pontos que já foram assegurados.

ETAPA 2: Análise, pelos estudantes, das indicações e apontamentos feitos pelo professor: revisão e continuidade da produção.

ETAPA 3: Nova análise realizada pelo professor. Ele utiliza a mesma pauta de observação para comparar as anotações iniciais com a produção já revisada pelos estudantes. Por exemplo: *se observa que o Carlos conseguiu melhorar as características do personagem e caracterização no foco narrativo (príncipe que era medroso e depois, ao perder o medo, fica malvado) ele acrescenta uma marca identificando que o problema foi resolvido (bem resolvido ou mais ou menos resolvido). Também observa que Carlos ainda não conseguiu melhorar suficientemente a introdução e a resolução continuou muito sucinta, então ele faz novo apontamento indicando esses aspectos (o que melhorou e o que ainda pode ser melhorado na escrita).* Dessa maneira, pode documentar a evolução de Carlos nessas etapas em que a proposta era fazer revisões e continuar melhorando a produção escrita.

ETAPA 4: Os estudantes voltam a trabalhar na mesma produção a partir das novas indicações e apontamentos do professor.

ETAPA FINAL: Última análise feita pelo professor. Ele utiliza a mesma pauta de observação e acrescenta comentários ou mesmo “anula” aqueles que não cabem mais em função da melhora da produção. Na **última coluna dessa pauta de observação** ele coloca a nota ou conceito (a depender dos padrões da rede onde a escola está inserida). Essa nota vai compor a média final dos estudantes juntamente com outros conteúdos da área que serão avaliados por meio de outros instrumentos, já que o foco aqui é **PRODUÇÃO ESCRITA DE TEXTO – CONTOS DE TERROR**.

Que dados esse instrumento contém que podem favorecer o planejamento do professor no trabalho em Língua Portuguesa e para acompanhar as aprendizagens dos estudantes?

- A partir da quantidade de erros ortográficos, o professor pode elaborar atividades que deem conta de sanar as dificuldades gerais que surgirem no grupo, propondo atividades de reflexão (nessa pauta de observação há uma coluna específica para ortografia e, por meio dela, pode-se identificar as dificuldades gerais do grupo). E pode criar um outro instrumento que categorize as questões ortográficas e sirva para o acompanhamento das aprendizagens durante os bimestres subsequentes.
- A partir dos problemas relacionados à pontuação, o professor pode propor atividades de sistematização que favoreçam a reflexão sobre esses aspectos.
- As atividades de leitura podem ser, também, organizadas a partir dos problemas encontrados nessas produções, por exemplo, se grande parte do grupo não consegue desenvolver bem a estrutura do conto, o professor pode propor leituras e discussões de contos que tenham tais aspectos bem definidos e fazer a análise das características que marcam essas estruturas.
- Conteúdos procedimentais também podem ser observados, tais como o uso autônomo do acervo de livros para consulta sobre os contos de terror, o processo de revisão dos textos (o que o estudante consegue considerar lendo ou conversando com o professor sobre o que precisa ser melhorado no texto), o processo de passar o texto a limpo, entre outros.
- Assim como os procedimentais, conteúdos atitudinais também podem ser observados e algumas ações podem ser planejadas, tais como agrupar os estudantes em grupos de quatro para que cada um leia a sua produção a fim de submetê-la a apreciação e crítica dos colegas, agrupamentos em duplas para que aqueles com mais condições de revisar ajudem os colegas que apresentarem mais dificuldade. A pauta de observação, pela sua organização em colunas, permite que a situação geral do grupo seja facilmente visualizada.

Para refletir: qual o diferencial dessa concepção de avaliação formativa?

Desde o início do processo, **OS ESTUDANTES** sabiam o que iam aprender (produzir textos – contos de terror), sabiam das exigências e características desse tipo de texto. Não era esperado que escrevessem qualquer tipo de texto, por isso a quantidade de atividades em torno de um mesmo gênero. Cada um teve a oportunidade de produzir e ser avaliado antes mesmo do texto ficar pronto, o que oportunizou reflexões parciais e um tipo de aprendizagem que não se encerrava após uma única atividade.

Eles puderam “conviver” com esses conteúdos ao longo de um bom tempo em sala de aula, o que favoreceu a apropriação mais significativa, pois nessa abordagem considera-se os conhecimentos prévios e o que puderam aprender ao longo do processo. Todos sabiam que estavam sendo avaliados, mas por um tipo de avaliação que “ajuda-orienta-impulsiona” para fazer melhor. É exigente, sim, precisa ficar bom! Por isso os apontamentos e revisões. É um processo que trabalha para a formação de estudantes autônomos e responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem.

O PROFESSOR, desde o início do processo, sabia quais eram as expectativas de aprendizagem. Considerou os conhecimentos prévios dos alunos e organizou situações de aprendizagem que levassem ao objetivo final. O instrumento de coleta de dados para o acompanhamento das aprendizagens, longe de ter um uso burocratizado, serviu para documentar um processo que é bem complexo e que envolve uma série de conteúdos. Por meio dele, foi possível, verdadeiramente, ACOMPANHAR as aprendizagens dos estudantes – nesse recorte que era a produção de texto. É importante, também, evidenciar que esse tipo de instrumento documenta uma prática que respeita os processos individuais dos estudantes e possibilita uma visão geral do grupo também. A partir da análise dos processos individuais e coletivos, o instrumento é um documento que “auxilia” a interlocução com os gestores escolares para a tomada das decisões necessárias.

Planilha de acompanhamento do Coordenador Pedagógico

Turma - professora	Personagem	Características	Foco narrativo	Estrutura	Desenvolvimento	Coerência	Verbos de elocução	Pontuação	Ortografia	Observações
5º ano A Prof. Luciana	90% bons	90% boas	90% bom	90% bom	80% bom	90% bom	Ótimos (maioria)	Muito bons	Muito bons	Atenção: Pedro, Vivi, Tati Vivi = muitas faltas
5º ano B Prof. Thaís	80% bons	80% boas	80% bom	80% bom	80% bom	90% bom	Muito bons	Bons	Bons	Atenção: Susi, Ana Clara, Matheus
5º ano C Prof. Julia	50% com problemas	50% com problemas	50% com problemas	50% com problemas	50% com problemas	50% com problemas	Falhos	Preocupa	Preocupa	Rever a sequência-reorganizar em duplas, já que metade está indo bem, propor troca e análise coletiva de texto bem escrito. Sandro e Antonia = muitas faltas

<p>5º ano D Prof. Maribel</p>	<p>90% com proble mas</p>	<p>90% com problemas</p>	<p>20% com problemas</p>	<p>20% com problemas</p>	<p>20% com problemas</p>	<p>A maioria coerente</p>	<p>Falhos</p>	<p>Bons</p>	<p>A maioria boa, alguns preocupam</p>	<p>Rever a sequência- reorganizar em duplas, já que metade está indo bem, propor troca e análise coletiva de texto bem escrito</p> <p>Trocar os livros – ampliação de repertório.</p>
--	-----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	-------------------------------	---------------	-------------	--	---

Quais são os dados desse instrumento? O que se pode mensurar com ele?

Esse tipo de instrumento de coleta de dados para o acompanhamento das aprendizagens dos estudantes é, também, bastante pessoal para o coordenador pedagógico. As anotações que são feitas têm o objetivo de, além de documentar o processo, organizar um panorama geral a respeito das aprendizagens que foram pactuadas, pela rede e pelo grupo da escola (neste caso estão investindo nas reflexões sobre gêneros textuais). Por meio dele o coordenador pode:

→ Identificar os estudantes que apresentam mais dificuldade e ajudar na proposição de medidas que os auxiliem ainda no processo em curso.

→ Identificar os estudantes que caminham bem, com vistas a atingirem as expectativas de aprendizagem para o período e, com isso, analisar se o planejamento idealizado é compatível com o realizado e quais são seus benefícios.

→ Identificar quais conteúdos de formação poderão ser propostos aos professores, já que os resultados dos estudantes fomentam as necessidades de estudos de toda a equipe pedagógica.

→ Identificar os professores que precisam de mais ajuda e auxiliar na proposição de formação continuada em serviço mais ajustada a cada um.

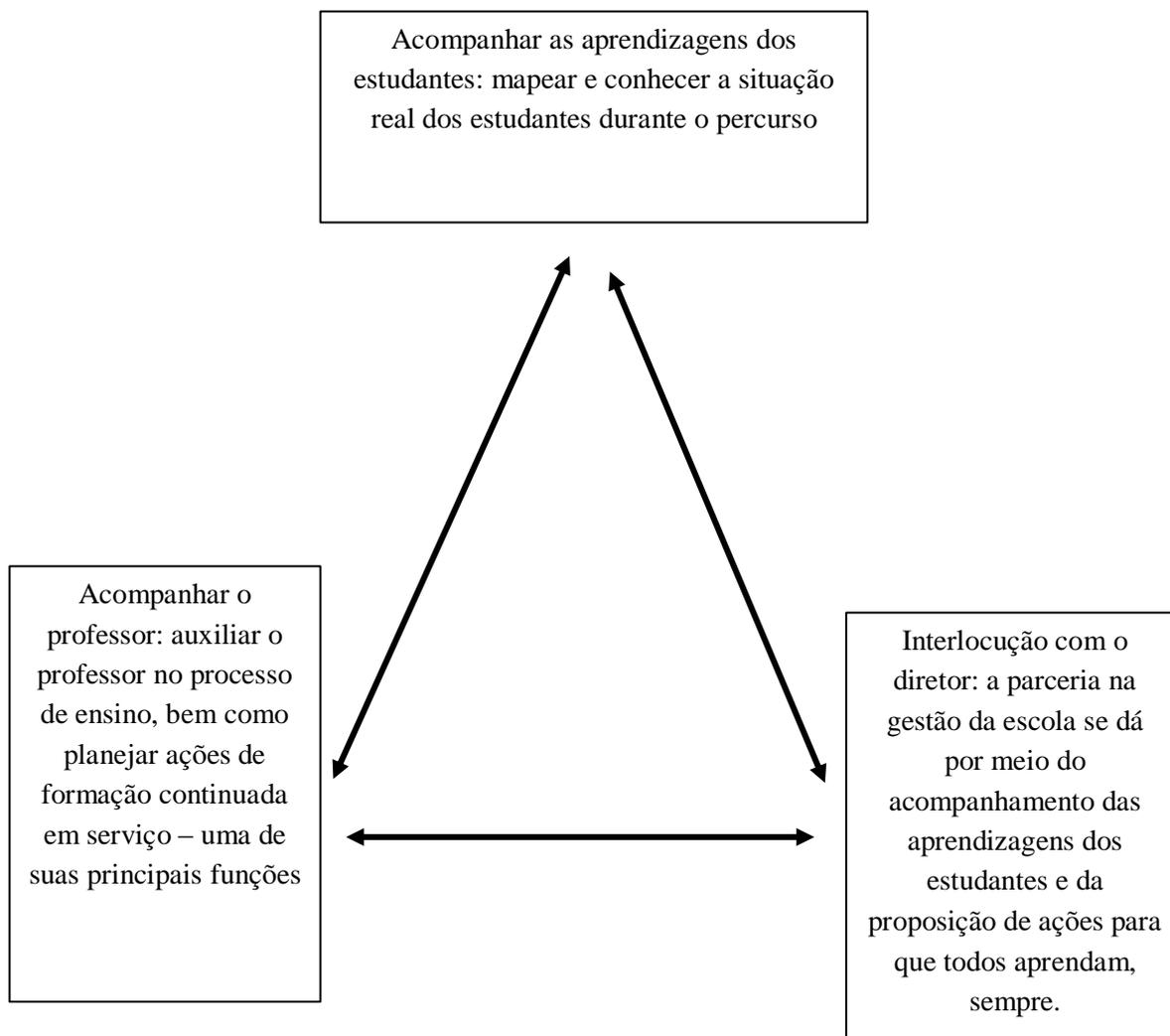
→ Refletir sobre os processos de gestão da escola, que envolvem o trabalho de outros atores além dos professores, e tomar medidas que corrijam as rotas necessárias a fim sempre de deixar claro que todos estão a serviço da qualidade das aprendizagens dos estudantes.

Para refletir: qual o diferencial dessa concepção de avaliação formativa?

Assim como acontece com os estudantes, desde o início do processo **OS PROFESSORES** sabem que terão, regularmente, momentos de reflexão nos quais poderão contar com a parceria do coordenador pedagógico para a avaliação e planejamento de correção de rota necessárias. Cada um, na sua função, tem a responsabilidade de organizar a documentação do acompanhamento das aprendizagens dos estudantes.

O COORDENADOR PEDAGÓGICO tem o fundamental papel de fazer a interlocução entre professores, diretor e outros funcionários sempre à luz das aprendizagens dos estudantes. Assim, esse e outros instrumentos de coleta de dados para o acompanhamento das aprendizagens dos estudantes favorecem a gestão do próprio trabalho e dos processos internos da escola também.

Tais instrumentos têm uma tripla função de documentação para memória e ao mesmo tempo planejamento e construção do processo:



Planilha de acompanhamento do Diretor

Turma - professora	Qualidade das produções	Novas ações necessárias	Encaminhamentos para a produção dos livros	Atendimento aos pais	Observações
5º ano A Prof. Luciana	Ótimas	Organizar os horários da biblioteca para fazer sessões de leitura para as turmas da tarde (alunos que puderem ir à tarde vão ler suas produções para as turmas C e D).	Ok	Vivi = faltas e muito sono durante as aulas. O mesmo acontece nas outras aulas e sua produção em Matemática também decaiu.	Providenciar comunicados depois de organizar os horários da biblioteca. Verificar o aumento na quantidade de lanches nesse período.
5º ano B Prof. Thaís	Ótimas	Organizar os horários da biblioteca para fazer sessões de leitura para as turmas da tarde (alunos que puderem ir à tarde vão ler suas produções para as turmas C e D).	Ok	Susi, Ana Clara, Matheus = esperar as próximas revisões para ver se os avanços acontecem, senão chamar os pais para saber da rotina.	Providenciar comunicados depois de organizar os horários da biblioteca. Verificar o aumento na quantidade de lanches nesse período. Verificar se é possível que a professora Silene venha auxiliar nesses dias e horários.
5º ano C Prof. Julia	Praticamente metade do grupo precisa de ajuda	Rever a biblioteca de sala dessa turma (idem 5º D)	Ok	Sandro e Antonia = muitas faltas, saber os motivos	Verificar a possibilidade de um grupo de apoio após a aula: 2 vezes por semana, 50 minutos. Somente durante dois meses. Combinar com os motoristas se é possível trocar algumas crianças de ônibus para não atrapalhar o retorno para casa. Pedir ajuda para os pais que puderem buscar um pouco mais tarde.
5º ano D Prof. Maribel	Muito boas	Essa turma ficou com menos livros de terror na biblioteca de classe. Fazer rodízio e comprar novos, se for necessário.	Acrescentar um a mais por causa da chegada do Marcos.	Esperar mais uma semana para agendar com os pais do Marcos.	Aproveitar e colocar algumas crianças junto para a aula de apoio (somente os que necessitarem muito para não atrapalhar a produtividade).

Quais são os dados desse instrumento? O que se pode mensurar com ele?

A planilha do diretor é mais geral e contém dados para o planejamento da gestão das ações e projetos gerais da escola. Como já foi mencionado, por ter sido acordado nesse processo que os estudos seriam sobre gêneros textuais, o acompanhamento mais próximo é feito a partir desse conteúdo. É inviável que o diretor “saiba”, em detalhes, sobre todos os conteúdos e de todas as áreas – como o professor e o coordenador pedagógico devem saber. Porém, é por meio de alguns mecanismos de registros que ele se aproxima do que é mais específico de tempos em tempos. E essa aproximação, fomentada pela documentação intencional e organizada dos professores e coordenador pedagógico é que permite que ele se aparelhe para levar questões mais gerais e negociar demandas com a equipe da Secretaria de Educação.

Esta planilha permite ao diretor:

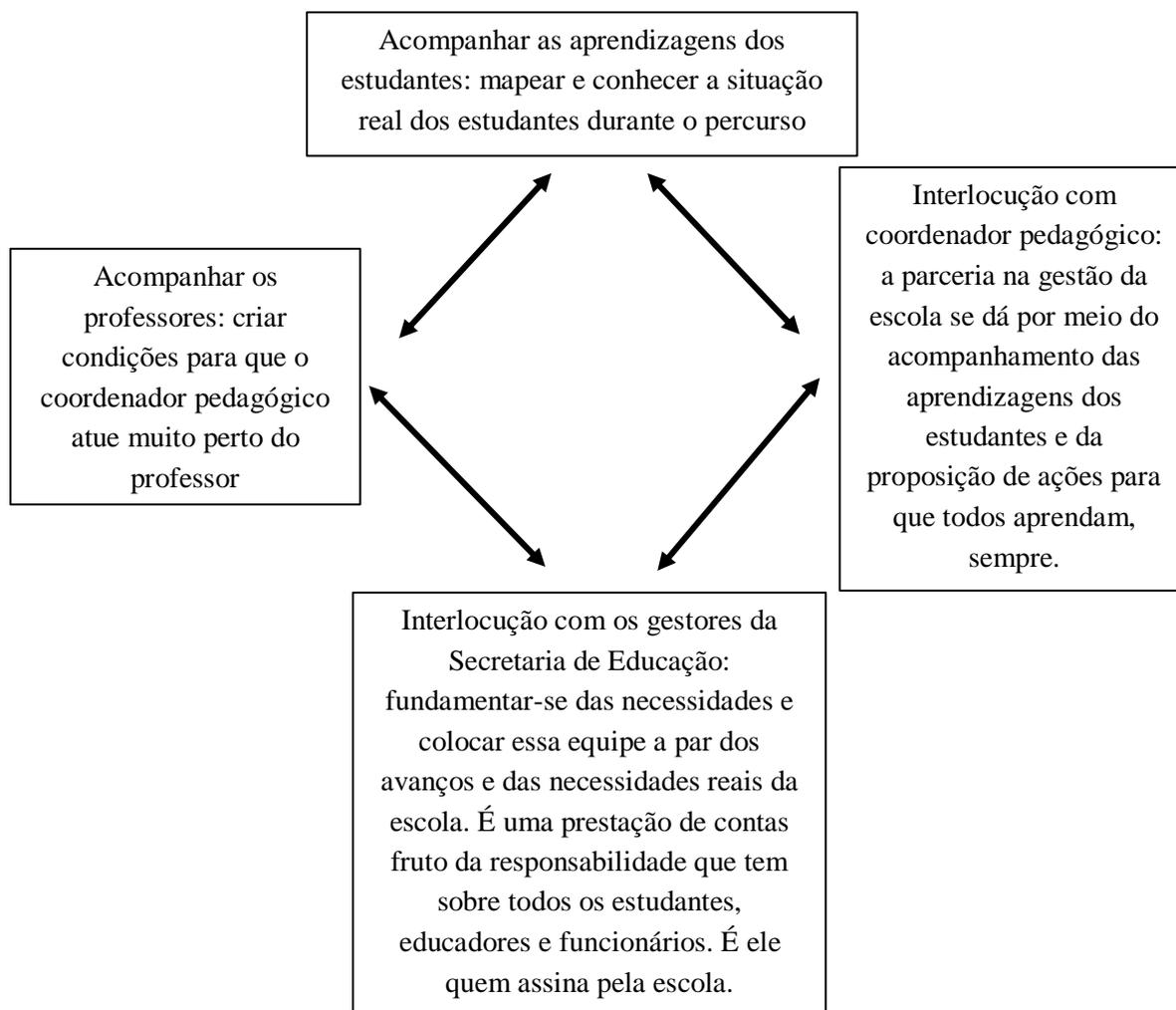
- Acompanhar, de forma próxima, o aprendizado dos estudantes na área de LP com o foco na produção de textos do gênero contos de terror.
- Identificar os estudantes que precisam de mais ajuda e dar as condições para que ações sejam criadas na escola: reestruturar horários da biblioteca, fazer compra de livros, providenciar rodízio de livros.
- Conhecer as demandas de formação dos professores da escola, por meio da reflexão realizada junto com o coordenador pedagógico.
- Documentar-se de dados reais para conversar com os pais e aproximá-los da vida escolar de seus filhos durante o percurso e não somente no final do ano.
- Documentar-se com dados reais e pleitear ajuda na secretaria de educação: professor para aulas de apoio, mais materiais ou livros.
- Planejar ações gerais: elaborar comunicados, conversar com motoristas e reorganizar horários, verificar o lanche.
- Refletir sobre o planejamento proposto inicialmente e validar o PPP da escola – que é vivo.

Para refletir: qual o diferencial dessa concepção de avaliação formativa?

Assim como acontece com os outros atores envolvidos no processo, **O DIRETOR** sabe quais são as expectativas de aprendizagem e, portanto, trabalha de forma articulada com todos os envolvidos no processo – professores, coordenador pedagógico, funcionários, pais e gestores da

Secretaria de Educação – para que a engrenagem não se rompa e os objetivos sejam atingidos. Seu papel como “orquestrador” é fundamental como aquele que cria as condições para que todos os demais atores exerçam suas funções de forma plena.

Tais instrumentos têm uma quádrupla função de documentação para memória e, ao mesmo tempo, planejamento e construção do processo:



Planilha de acompanhamento dos gestores da Secretaria de Educação (final do bimestre)

5º Ano Escolas	Nº de Estudantes	Nº de estudantes acima da média							Nº de estudantes na média							Nº de estudantes abaixo da média						
		LP	H	G	C	M	EF	Art	LP	H	G	C	M	EF	Art	LP	H	G	C	M	EF	Art
Carlos Drummond de Andrade	92	42	68	68	72	35	80	80	20	20	20	21	29	12	12	30	12	12	3	25	0	0
Eça de Queirós	85	30	38	38	25	30	60	41	42	34	34	4	42	25	44	13	13	13	16	13	0	0
Vinícius de Moraes	27	14	15	15	12	13	25	18	06	04	04	08	06	02	09	07	08	08	07	08	0	0
Cecília Meireles	19	12	10	10	12	5	19	19	4	6	6	4	11	0	0	3	3	3	3	3	0	0
Raquel de Queiroz	88	30	38	38	38	30	60	41	44	36	36	36	42	25	44	14	14	14	14	16	0	0
Graciliano Ramos	11	04	04	04	04	04	10	09	04	05	05	03	04	01	02	03	02	02	04	03	0	0
Fernando Sabino	87	31	39	39	26	31	61	42	43	35	35	5	43	26	45	13	13	13	16	13	0	0
Clarice Lispector	94	32	40	40	40	33	63	44	41	37	37	36	43	26	45	21	17	17	18	18	0	0

Quais são os dados desse instrumento? O que se pode mensurar com ele?

A Secretaria de Educação acumula dados de todas as escolas da rede. São dados mais gerais e que possibilitam mapear a situação real dos estudantes durante o processo, isso em todas as áreas.

Essa planilha documenta a quantidade de estudantes de cada escola e em qual situação se encontram por área. Por meio dela pode-se identificar demandas que se transformarão em ações pontuais para cada necessidade, bem como algumas ações de rede, mais gerais.

Saber a situação real dos estudantes permite focalizar as últimas colunas da planilha e traçar ações que poderão auxiliar aqueles estudantes ainda durante o processo, em tempo de ajudá-los em suas necessidades antes que o ano termine.

Essa planilha permite que a equipe da Secretaria de Educação possa:

- Identificar as escolas que precisam de ações para auxiliar os estudantes com dificuldades durante o percurso.
- Conhecer as demandas de formação dos professores das escolas, por meio da reflexão realizada frequentemente junto aos diretores e, eventualmente, aos coordenadores pedagógicos.
- Documentar-se com dados reais e pleitear ajuda dos órgãos superiores.
- Planejar ações gerais: organizar grupos de apoio, elaborar planos de formação, contratar ou realocar professores, contratar ou realocar funcionários, organizar transporte, organizar alimentação, entre outros.
- Documentar-se de dados reais para conversar com toda a comunidade, pois é de sua responsabilidade prestar contas de suas ações, afinal, há uma imensa quantidade de estudantes sob sua responsabilidade.
- Refletir sobre o planejamento proposto inicialmente e validar o PPP de toda a rede de ensino.

Para refletir: qual o diferencial dessa concepção de avaliação formativa?

A concepção de avaliação formativa, como se viu nesse exemplo, não se restringe à sala de aula e ao professor. Pare que se crie uma cultura de avaliação formativa, todos os envolvidos

no processo precisam ter clareza da necessidade do planejamento articulado com as expectativas de aprendizagem dos estudantes.

Há que se concretizar um cenário fruto do esforço e da articulação de todos os envolvidos. Para que essa planilha geral seja construída pelos gestores da Secretaria de Educação, uma série de outras ações encadeadas vieram anteriormente partindo do trabalho intencional de cada escola. E a veracidade dos dados é fruto da ética profissional de toda uma equipe que se preocupa com uma educação de qualidade.

Esse processo é o registro do nosso testemunho de que investimos na qualidade da educação de cada um de nossos estudantes.

Conclusão

Para realizarmos uma prática avaliativa formativa, necessitamos de dados da realidade e, para obtê-los, necessitamos de instrumentos que ampliem a nossa capacidade de observação dessa mesma realidade. Os exemplos aqui apresentados têm o objetivo de colocar luz – a partir de um recorte muito pontual da área de LP de um único ano escolar – na complexidade dos processos e no tamanho da responsabilidade de cada ator nessa enorme engrenagem. O processo de avaliação necessita assentar-se sobre dados consistentes.

Não discutimos a necessidade da utilização de instrumentos, essa necessidade já está posta. O que procuramos evidenciar, ao longo desse texto, é a competência que temos de ter para eleger o melhor – e mais adequado – instrumento, a depender dos objetivos que temos. É necessário averiguar se tais instrumentos apresentam as qualidades metodológicas necessárias de um instrumento satisfatório de coleta de dados para a prática da avaliação formativa. Eles não se prestam à burocracia que mais afasta os educadores dos processos de documentação e registro, mas, sim, a proporcionar um encadeamento de ações em rede, cujo principal objetivo é formar bem os nossos estudantes.

Referências bibliográficas

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Sobre notas escolares: distorções e possibilidades*. São Paulo: Cortez, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Indagações sobre o Currículo – Currículo e Avaliação*, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>

WEISZ. Telma. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. São Paulo: Editora Ática, 2001.